

TERRITÓRIO DA PROSTITUIÇÃO DE TRAVESTIS: MARCAS, CORPOS E SIGNOS.

Ivan Ignácio Pimentel

Geógrafo pela UFRJ, Mestre em Sociologia e Direito pela UFF e Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ.

INTRODUÇÃO

A prostituição de travestis no bairro da Glória, Zona Sul do município do Rio de Janeiro, permite abordar a questão da identidade na pós-modernidade e os conflitos na sociedade contemporânea. A construção de um espaço pela prostituição de travestis revela que o reconhecimento da identidade torna-se a espinha dorsal de um processo de territorialização.

Analisando o espaço geográfico como espaço fragmentado e articulado, observamos que este se caracteriza por ser um lugar de violência e da abjeção experimentadas pelas travestis e, de forma sincrônica, lugar de criação de novas solidariedades e de redes que corroboram para o aprendizado e a perpetuação dos códigos lingüísticos e gestuais presentes no território da prostituição. Dessa forma, esse território passa a ter singularidades, que serão explicitadas ao longo do trabalho.

Estudar a prostituição na Rua Augusto Severo, que está ao mesmo tempo inserida dentro do contexto da prostituição de travestis no Rio de Janeiro, mas que traz aspectos peculiares inerentes a esta área, traz questões que devem ser alvo de investigação empírica, tendo em vista que a construção do “ser” está diretamente relacionada ao espaço em que é construída, a ainda aos símbolos pertencentes a esse espaço e a interação entre o indivíduo e o meio.

Assim, o conceito de território é utilizado nesta pesquisa enquanto condição *sine qua non* para a construção da identidade do grupo focal escolhido, além de ter por objetivo abarcar as relações sócio-territoriais que se materializam no recorte, através das disputas e sentimentos envolvidos, visto que no universo da prostituição a

meta diária é a sobrevivência, pois a rua caracteriza-se por ser um local cheio de incertezas e armadilhas.

A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO: A MANUTENÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER.

A construção de um território é de vital importância para que um determinado grupo possa exercer um controle, de modo a permitir a manutenção da atividade e inevitavelmente realizar o exercício do poder e coesão interna, como forma de manter a ordem e a perpetuação da atividade, além de defender o território de possíveis “invasores. Para Ornatⁱ, o território da prostituição travesti tem como um de seus elementos estruturantes a comunicação, tanto entre travestis, como entre travestis e clientes, policiais, moradores e demais grupos sociais.

O conceito de território é utilizado por Ribeiroⁱⁱ, em seu estudo da prostituição na cidade do Rio de Janeiro, onde considera que a prática da prostituição tem como um de seus rebatimentos a formação de territórios, mais precisamente territórios móveisⁱⁱⁱ.

Um dos autores pioneiros na abordagem do território foi Claude Raffestin^{iv}. Merece destaque na sua obra o caráter político do território, bem como a sua compreensão sobre o conceito de espaço geográfico, pois o entende como substrato, um palco, preexistente ao território^v. Dentro da concepção enfatizada pelo autor, o território é tratado, principalmente, com uma ênfase político-administrativa, isto é, como o território nacional, espaço físico onde se localiza uma nação; um espaço onde se delimita uma ordem jurídica e política; um espaço medido e marcado pela projeção do trabalho humano com suas linhas, limites e fronteiras. Segundo o mesmo autor, ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente, o ator territorializa o espaço^{vi}.

Na análise de Raffestin, a construção do território revela relações marcadas pelo poder. Assim, faz-se necessário enfatizar uma categoria essencial para a compreensão do território, que é o poder exercido por pessoas ou grupos sem o qual não se define o território. Poder e território, apesar da autonomia de cada um, vão ser enfocados conjuntamente para a consolidação do conceito de território. Assim, o poder é relacional, pois está intrínseco em todas as relações sociais.

Quando se trata da questão territorial, necessariamente refere-se ao exercício de poder sobre o espaço. Como aponta Becker^{vii}, o território é um produto “produzido” pela prática social, e também um produto “consumido”, vivido e utilizado como meio, sustentando, portanto a prática social. Nesse sentido, quando se propõe pesquisar processos de desenvolvimento territorial, foco deste artigo, trata-se de investigar e compreender como os atores exercem seu poder sobre o território e como fazem uso deste, política e economicamente, ao longo do tempo. Trata-se, não de estudar unicamente o território em si, mas o território vivido e usado, como enfatiza Milton Santos^{viii}:

Esta concepção^{ix} dá ênfase aos atores que agem sobre o território. Desse modo o trabalho e as ações serão motores de transformações decorrentes do exercício de poder destes sobre o espaço. Por sua vez, por poder entende-se a capacidade dos atores de agir, realizar ações e produzir efeitos, ou seja, de fazer uso do território e de transformá-lo, respondendo aos interesses e às demandas dos atores pertencentes a este território. Ou ainda, é a capacidade ou a possibilidade de agir, de produzir efeitos. É a gama das ações que se sabe praticar para modificar o meio, explorá-lo e dele retirar o necessário à vida.

A prática da prostituição, não diferente de outras atividades precisa de um espaço para que a atividade seja desenvolvida. Assim como qualquer grupo que exerce o domínio sobre uma determinada porção do espaço a atividade em destaque. São esses atores que produzem o território, composto por malhas, nós e redes, partindo da realidade inicial dada que é o espaço, passando à implantação de novos recortes e ligações. Pode-se considerar, assim, que a malha é a base, ou o substrato do território. É o que há de mais concreto e enraizado. Os limites da malha são definidos pela ação dos nós ou dos pontos, os quais estabelecem redes ou fluxos, reforçando os limites ou as fronteiras dessa malha e dando dinamicidade ao território. Segundo o autor em questão. Os pontos simbolizam a posição dos atores, representando locais de poder e referência, lembrando que existe uma multiplicidade destes agindo sobre o mesmo^x.

Os nós relacionam-se entre si e estabelecem redes, reforçando o poder dos atores sobre seu território. Estes atores e estas redes relacionam-se ainda com nós externos à malha, tornando este território mais dinâmico e fluido. Esta dinamicidade, por sua vez, possibilita aos atores locais um melhor atendimento de suas demandas e necessidades.

A construção de espaços voltados para a prostituição nas grandes cidades, no nosso caso a prostituição de travestis, tem se concentrado principalmente em locais próximos aos *Central Business District* (CBD)^{xi}, proporcionando possíveis conflitos, além de proporcionar um processo de fluabilidade territorial^{xii}, os territórios da prostituição feminina ou masculina (prostitutas, travestis, michês). Os “outros”, atores do conflito, tanto podem estar no mundo exterior em geral (de onde vêm clientes em potencial) quanto, em muitos casos, em um grupo concorrente (prostitutas *versus* travestis), com os quais de pode entrar em conflito.

Esses territórios, comumente encontrados em locais próximos ao *Central Business District* (CBD), que se convencionou chamar de *blighted áreas*, áreas de obsolescência ou “espaços deteriorados”, muitas vezes (a não ser no caso de um *bas fond* como a decadente Vila Mimosa, na cidade do Rio de Janeiro, que foi o que restou da antiga e famosa “Zona do Mangue”)^{xiii} são “apropriados” pelo respectivo grupo apenas à noite. Durante o dia as ruas são tomadas por outro tipo de paisagem humana, típico do movimento diurno das áreas de obsolescência: pessoas trabalhando ou fazendo compras em estabelecimentos comerciais, escritórios de baixo status e pequenas oficinas, além de moradores nas imediações. Quando a noite chega, porém, as lojas, com exceção dos bares e *night clubs*, estão fechadas, e os transeuntes diurnos, como trabalhadores “normais”, pessoas fazendo compras do tipo que amoral dominante costuma identificar como “decentes”, cedem lugar a outra categoria de frequentadores, como prostitutas (ou travestis, ou ainda rapazes de programa) fazendo *trottoir* nas calçadas e entretendo seus clientes em hotéis de alta rotatividade.

Os territórios da prostituição são bastante “flutuantes” ou “móveis”^{xiv}. Os limites tendem a ser instáveis, com as áreas de influência deslizando sobre o espaço concreto das ruas, becos e praças. Para o autor, a criação de identidade territorial pode ser tanto funcional, quanto afetiva. O que não significa, em absoluto, que “pontos” não sejam às vezes intensamente disputados, podendo a disputa desembocar em choques entre grupos rivais.

A identidade territorial, todavia, não se resume à identidade construída, em um espaço tido como “funcional”. Há que se considerar que um determinado grupo (atores sociais) ao constituírem um território, criam símbolos e signos que representam essa ocupação, manifesta na construção simbólica do espaço. Cabe ressaltar que um território precisa de constante manutenção, pois além de fruto de uma nítida relação de

poder, constitui uma “base espacial” para atores sociais desenvolverem suas atividades, de modo que é possível ver esse território enquanto uma fronteira-poder.

No entendimento de Bourdieu^{xv}, podemos representar o mundo social em forma de um espaço, construído na base de princípios de diferenciações ou de distribuição, constituído pelo mundo das propriedades que atuam no universo social considerado, quer dizer, apropriadas para conferir força ou poder nesse universo. Os agentes ou grupos de agentes são definidos por suas posições relativas nesse espaço. Esse poder pode ser definido como lugar onde permite que indivíduos se associem tendo em vista a realização de um objeto em comum. Tal objeto comum permite posições e práticas sociais que fundamentam a formação de grupos, podem ter natureza econômica, política, cultural ou social e se referem aos vínculos que os homens podem tecer entre si, por meio de unificar para atingir o mesmo objetivo e desenvolver a ação comum.

Pode-se entender que o território se forma a partir do espaço, sendo constituído no processo da transformação da natureza pelo homem, que envolve aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais e assim se definem os territórios conforme as ações.

TERRITÓRIO “FRAGMENTADO”: A RUA COMO UMA VITRINI

Este ambiente que os travestis denominam “a rua” pode ser considerado o lugar multifacetado. Pode ser o lugar da “ferveção”, da “batalha” ou da “boiação”. Ao primeiro termo entende-se como o lugar da diversão, onde se faz amigos – e inimigos – e desfruta-se coletivamente de determinados prazeres; lugar de socialização. Ao segundo, aplica-se a significação de prostituir-se. E o último refere-se às práticas sexuais sem compromisso financeiro ou afetivo. O que não significa que essas experiências necessariamente separadas.

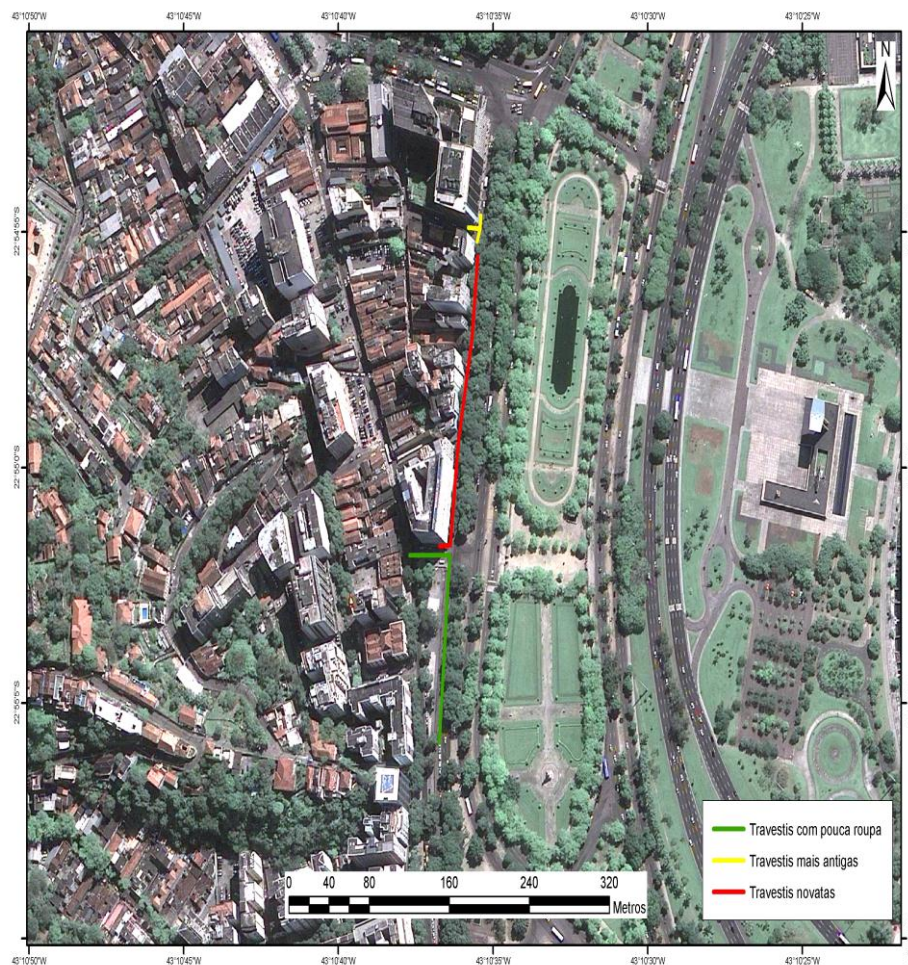
Para isso faz-se necessário a construção de uma vitrine marcada por microterritorialidades (MAPA 02), de acordo com o perfil de cada travesti, onde ocorre a construção de verdadeiras “lojas a céu aberto” onde as travestis exibirão seus corpos cheios de curvas, prontos a satisfazer os mais diversos tipos de desejos^{xvi}. Assim, o uso do território da cidade revela a segregação baseada nas desigualdades dos atos de uso e formas de apropriação. Aqui, o gueto pode significar a liberdade através da

possibilidade de atuar e de reivindicar, pois são elementos de construção de identidades que lhe permite lutar contra o preconceito latente.

Simmel^{xvii} propõe uma tipologia das relações na qual a prostituição é uma modalidade básica. O autor elabora um estudo sociológico esclarecedor sobre o sistema de trocas simbólicas que a prostituição envolve: a transferência da impessoalidade do dinheiro para o corpo feminino. Assim, observamos que dinheiro se transformou em nossa sociedade no mediador por excelência das relações de prostituição. Ele está tão fortemente ligado a tais práticas que há uma forma específica de se referir às prostitutas em nossa cultura que remete a sua presença. Diz-se que elas vão “rodar a bolsinha”. Tal forma de representá-las não está distante da realidade. A bolsa é o local em que se guardam os valores, no caso das prostitutas refere-se ao sexo e ao dinheiro. Os dois valores em jogo e que marcam as relações travadas em seu dia-a-dia.

A manutenção das relações de poder no universo da prostituição constantemente envolvem relações conflituosas, fazendo-se muitas vezes o uso da violência, podendo ela ser entre travestis ou envolvendo travestis e outros atores sociais^{xviii}. A implantação e a disseminação da prostituição na cidade dependem diretamente das circunstâncias encontradas para o exercício das atividades, tanto no que se refere às relações das “trabalhadoras sexuais” com sua clientela, com a cafetina e com as autoridades policiais, quanto das relações que travestis estabelecem entre si no momento da ocupação e do uso dos territórios, pois mesmo sendo um território de prostituição de travestis, podemos observar que estas se categorizam de forma diferenciada conforme o MAPA 02.

MAPA 02



Microterritórios da prostituição de Travestis Elaborado por Ivan Pimentel

Esta territorialidade dividida em “trechos”, demarcada a partir de relações de força física e intimidação e do tempo em que cada travesti se prostitui na Avenida Augusto Severo, termina por se constituir num lugar onde as regulações se fazem pelas próprias travestis.

Para Pelúcio, a demarcação espacial é também moral e passa por jogos de poder pelos quais se determina quem pode ficar onde e os significados dessa fixação. Fixação que não pode ser confundida com imobilização/sedentarização, mas com aceitação e compartilhamentos de códigos que circulam e informam, mas que são fluidos. Não só porque a transformação é uma marca da travestilidade, fazendo do *gayzinho* de hoje a *bela* de amanhã que, por sua vez, pode ser, simultaneamente, a *bandida* e a *européia*; mas também pela reconfiguração permanente dos espaços, provocada pela dinâmica das relações entre poder público e espaço urbano.

Dependendo da espacialidade vivida pela travesti, seus corpos podem ser aceitos, tolerados ou rejeitados. Dependendo do território onde o corpo se encontra, a travesti pode estar no centro, correspondendo ao padrão esperado de seu corpo, ou na

periferia das relações de poder, sendo motivo de chacotas, gargalhadas, insultos e até atos violentos. Logo, os corpos não correspondem com o que é esperado para o corpo no território, também sofre sanções como em qualquer outra espacialidade, pois da mesma forma que o espaço constitui relações de poder, é por ele composto, posicionando corpos em centro e margem, compondo e sendo composto por espaços paradoxais.

O controle do território é visto com violência, pois além de estar relacionado ao uso e adoção de códigos, ações discursivas e corporais, esta se faz a partir da utilização da violência explícita, verbal ou física. No conjunto de evocações, a predominante se referia à utilização da violência como mecanismo de controle do território, como relatou Fabrícia:

“No meu pedaço só fica quem eu quero. As novinhas chegam aqui achando que são as donas da rua, até entendendo a vontade de brilhar, mas se ficar de marra eu ponho pra correr. Quando eu cheguei aqui há mais de quinze anos eu tinha que respeitar as mais antigas. Porquê uma novinha vai chegar e me desrespeitar? Eu não deixo! Ponho logo pra correr e se ficar de graça acaba saindo por mal^{xix}.”

A violência praticada entre as travestis sempre cumpre a função de reforçar a condição de abjeção, geralmente incidindo diretamente sobre os signos de sua diferença: as marcas corporais e subjetivas que atestam a recusa da norma. Assim, a garantia do controle e do ordenamento do espaço se dá pela eliminação das impurezas que o ocupam, “contaminando” a sua paisagem. A violência vem, aqui, restituir a pureza de um espaço maculado, assegurando seu valor (não apenas imobiliário, mas também simbólico).

Hellen, entrevistada em junho de 2009, enxerga a rua de forma bem negativa, sem notar a constituição de um espaço simbólico. Segundo ela, é impossível estabelecer uma relação de amizade num local que tem como foco a sobrevivência através da disputa por clientes. Acredita que a competitividade do mundo contemporâneo não permite que haja uma relação de solidariedade, lealdade e compromisso mútuo. Em outras palavras, as relações entre os “operários” do sexo que trabalham no local deve ser baseada na “falsidade”, pois tudo não passa de um jogo de

interesses. Para ela, cada travesti está sujeita a “tomar uma punhalada pelas costas”, ou seja, está constantemente sujeita a ser traída, de modo que se torna mais fácil ser falso com todos e esperar o pior. De acordo com a visão da entrevistada, ninguém possui vínculo com o local, sendo este encarado apenas como meio de sobrevivência, tendo em vista que este só lhe trouxe mágoa e decepção, mesmo estando somente há duas semanas na rua. As experiências anteriores não permitem que ela estabeleça vínculo com um local que por ela é considerado como sujo, imundo e hipócrita.

Já as travestis mais antigas mantêm uma relação de amizade com a vizinhança. Fabrícia, uma das mais antigas, chegou a dizer que ganha presentes dos moradores e que estes reconhecem a importância das travestis para a segurança do local, haja vista que o nível de assaltos a transeuntes é bastante elevado no bairro, diferentemente da avenida que possui um número de furtos reduzido devido à presença das travestis, que chegam a estimular o comércio “noturno”, como o funcionamento de bares. Ao mesmo tempo a travesti reconhece a importância de manter o diálogo e o respeito com a população que mora na região, para a manutenção dessa ordem. Fabrícia “permite”^{xx} que apenas suas afilhadas e amigas “batalhem” no “seu” território. Para isso faz-se necessário que as travestis que estão nesse ponto da rua não fiquem nuas ou com os seios a mostra, pois tal fato resultaria em conflitos com os síndicos e possivelmente numa intervenção policial, afetando o comércio local.

Embora exista um domínio territorial noturno pelas travestis, como muitas alegaram, elas “pisam em ovos” a todo instante, pois embora não haja conflitos diretos no território da prostituição, este se caracteriza por possuir uma grande instabilidade, onde, a qualquer momento, tudo pode ficar tenso e ameaçar a tranquilidade e o exercício do “ofício”. Sendo assim, até pegar a “manha” da rua, o medo e a insegurança são situações de ameaça enfrentadas pelas travestis que se prostituem. Mesmo as veteranas não estão isentas de sofrerem violência.

Para Dos Santos^{xxi}, face à cultura heteronormativa a vida da travesti e o seu entorno encontram-se na ilegalidade jurídica: prostituição, cafetinagem, drogradição e alteração do corpo masculino. Desta maneira, as travestis vivenciam cotidianamente formas variadas de constrangimentos e violências, pois não se sentem protegidas pela ordem pública. As violências sofridas estão intimamente ligadas ao lugar social em que se encontram os sujeitos envolvidos nas situações concretas. Por esta razão, a violência dirigida às travestis tem agressores difusos e são vivenciadas em situações também relativamente obscuras, sendo suas motivações e causas difíceis de serem apontadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas sexuais comerciais levam a ocupação e delimitação de uma determinada porção do espaço urbano para a realização de tal atividade, para isso, a construção de um território é de vital importância para que um determinado grupo possa exercer um controle. Esses “territórios marginais”, construídos em espaços públicos são locais em que atração e rejeição se desafiam (suas proporções são variáveis, sujeitas a mudanças rápidas, incessantes). Trata-se, portanto de locais vulneráveis, expostos a ataques, mas são também os únicos lugares em que o comércio sexual travesti tem alguma possibilidade de superar e neutralizar a rejeição, visto não ser ainda significativo o papel desse modelo de prostituição em estabelecimentos privados.

Longe de esgotar o debate sobre a temática da questão da criação de territórios e conflitos existentes no meio urbano com populações classificadas como invisíveis, é necessário e importante que as vozes da desses *outsiders*, sejam ouvidas, para que os atuais meios utilizados pelo Estado para exercício da cidadania sejam questionados, visando oferecer facticidade de soluções coletivas, com variadas gamas e níveis de expectativas e práticas sociais.

Notas:

i

ii RIBEIRO. Miguel Ângelo Campos (Org.). **Território e prostituição na metrópole carioca**. Rio de Janeiro, Ecomuseu Fluminense, 2002. 160 p.

iii [...] apropriação, durante um certo período de tempo, de uma rua ou um conjunto de logradouros por um determinado grupo de prostitutas, “michês” e travestis, que através de uma rede de relações, da adoção de códigos de fala, expressões, gestos e passos, garantem e legitimam essas áreas como territórios para a prática de tal atividade. Por outro lado, a especificidade do espaço condiciona sua apropriação e transformação em territórios fortemente e não fortemente controlados. (RIBEIRO, 2002 p.117).

iv RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

v “É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator “territorializa” o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 143).”

vi “[...] um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por conseqüência, revela relações marcadas pelo poder. (...) o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder [...]” (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

vii BEKCEK, Berta. O Uso Político do Território: questões a partir de uma visão do terceiro mundo. In: BECKER, Berta K.; COSTA, Rogério K.; SILVEIRA, Carmem B.; (orgs.) **Abordagens políticas da espacialidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1983.

viii SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção.** 2. ed., São Paulo: Hucitec, 1997

_____. **Território e Dinheiros. In: Território e territórios.** Niterói: Programa de Pós Graduação em Geografia – PPGEO-UFF/AGB, 2002.

ix O território não é apenas o conjunto de sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como território usado, não território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar de residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (SANTOS, 2002, p.10)

x (...) agem e, em conseqüência, procuram manter relações, assegurar funções, se influenciar, se controlar, se interditar, se permitir, se distanciar ou se aproximar e, assim, criar redes entre eles. Uma rede é um sistema de linhas que desenham tramas. Uma rede pode ser abstrata ou concreta, invisível ou visível. A idéia básica é considerar a rede como algo que assegura a comunicação (...) (RAFFESTIN, 1993, p.156).

xi O termo CBD, Central Business District ou Distrito de Negócios Central, refere-se a um ponto em uma cidade dotado de escritórios, centro comercial, sendo características também haver centros de lazer e uma rede de transportes. CBD não é necessariamente a área central de uma cidade, ao pé da letra, os distritos centrais de negócios se desenvolvem em pontos que favoreçam o fluxo e o escoamento da mercadoria, daí a importância de se localizarem ao longo de rodovias e ferrovias. CBD se diferenciam das áreas de comércio comuns pela variedade de serviços que oferecem. Em centros comuns são características apenas as relações comerciais enquanto nos distritos de negócios há um mix de comércio varejista, escritórios e transporte, lazer, cinema, casa de shows fazendo com que essas áreas estejam em movimentação constante e não apenas nos horários comerciais. Os distritos centrais logo são identificados pela quantidade de pessoas nas ruas que se misturam entre aqueles que vão comprar e os trabalhadores. Há escassez de residências. Os edifícios onde se localizam os escritórios e a falta de estacionamentos também denunciam a presença de um Central Business District.

Esse novo jeito de pensar as cidades e realocar os espaços contribui para o melhor aproveitamento dos espaços. As formas tradicionais de região central e comercial aos poucos vêm perdendo espaço para a instalação do CBD onde há possibilidades de haver entretenimento para aqueles que ali trabalham sem que precisem se deslocar para outros pontos da cidade assim como permite que a região não esvazie por completo com o fim do horário comercial como é comum nos centros comerciais, já que ali permanecem bares, restaurantes, teatros e cinemas.

xii SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-115.

xiii Existente há mais de 80 anos, a “Vila” foi removida diversas vezes até chegar à Rua Sotero dos Reis, na Praça da Bandeira, seu atual endereço. Conhecida inicialmente por Zona do Mangue, a área de prostituição ocupava um espaço que ia da Praça Onze ao Estácio. Na penúltima remoção ela passou a funcionar na Travessa Guedes/Rua Miguel de Frias, onde já existia uma vila chamada Mimososa. O nome acabou “pegando” e é utilizado até hoje.

xiv A expressão “território móvel” (*mavable territory*) é retirada de SACK (1986:20), o qual corretamente já discernia que “most territories tend to be fixed in geographical space, but some can move”.

xv Bourdieu, Pierre. **O poder simbólico**, Bertrand, Rio de Janeiro. 1998

xvi Falar em território da prostituição pressupõe falar de controle de área, notadamente a área que foi definida e apropriada, ou seja, uma área onde a normalidade é um conjunto de comportamentos “desviados, aberrantes e transgressores”. O controle do território pressupõe uma certa união das travestis envolvidas com a atividade da prostituição, na reprodução cotidiana do território. (ORNAT, Márcio José, **Território da Prostituição Travesti e a Institucionalização do Sujeito Travesti na Cidade de Ponta Grossa – Paraná.** Dissertação de Mestrado em Gestão do Território. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná. 2008:70)

xvii SIMMEL, Georg. *On individuality and social forms. Selected writings.* Edited by Donald N. Levine. Chicago/Londres, The University of Chicago Press. 1971.

xviii É possível verificar como as várias culturas e sociedades definiram e definem a violência de maneiras particulares segundo concepções e conceitos estabelecidos historicamente. Entretanto, apesar das diferenças, certos aspectos da violência são percebidos da mesma maneira, independente do tempo, do

lugar, das culturas e sociedades, formando o fundo comum contra o qual os valores éticos são erguidos. Em essência, a violência é percebida como exercício da força física e da coação psíquica para obrigar alguém a fazer alguma coisa que contrarie a si, aos interesses e desejos, ao seu corpo e a sua consciência, causando-lhe danos profundos e irreparáveis, como a morte, a loucura, a auto-agressão ou a agressão aos outros. (CHAUÍ 1995)

^{xix} A violência, notadamente ativada no controle do território, representa uma forma de expressão, uma forma de enunciação, a mobilização de atitudes que afirmam a presença da travesti frente às outras (ORNAT 2008:95)

^{xx} Durante o campo ela informou que as travestis podem circular tranquilamente por toda a rua, mas que cada “microterritório” possui suas regras próprias. No caso do ponto em que ela é a “mais antiga”, quando “meninas” chegam com pouquíssimas roupas com os seios a mostra, ela pede que estas desloquem-se para outro ponto, pois tal imagem poderia causar um “mal estar” com as famílias que moram próximas ao “ponto de batalha”.

^{xxi} DOS SANTOS, Paulo Reis. Ambiguidades no corpo e na alma: problematizando os limites dos gêneros. In: *Revista de Psicologia da UNESP*, 8(2), 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEKCER, Berta. O Uso Político do Território: questões a partir de uma visão do terceiro mundo. In: BECKER, Berta K.; COSTA, Rogério K.; SILVEIRA, Carmem B.; (orgs.) **Abordagens políticas da espacialidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1983

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**, Bertrand, Rio de Janeiro. 1998

CARRARA, Sérgio e VIANNA, Adriana R. B. “**Tá lá o corpo estendido no chão...**”: **a Violência Letal contra Travestis no Município do Rio de Janeiro**. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 16(2):233-249, 2006

CATONNÉ, Jean-Philippe. **A sexualidade Ontem e Hoje** (Coleção Questões da Nossa Época, Vol. 40) (2ª ed). São Paulo: Cortez, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: Essa Nossa (Des)conhecida**. 3ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense, 1984

COSGROVE, Denis. **A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny. Paisagem, tempo e cultura. 2ª Edição, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92 – 122.

DOS SANTOS, Paulo Reis. **Ambiguidades no corpo e na alma: problematizando os limites dos gêneros**. *Revista de Psicologia da UNESP*, 8(2), 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: Uso dos prazeres**. Rio de Janeiro Graal, 1990.

FRY, Peter. **Para inglês ver**. Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. 2007. **“Dragões”: gênero, corpo, trabalho e violência na formação da identidade entre travestis de baixa renda**. Tese de Doutorado em Psicologia Social, USP, São Paulo.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios Alternativos**. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006. 186 p.

_____. Da Desterritorialização à Multiterritorialidade. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, 10., 2005, **Anais...** São Paulo: USP, 2005. p 6774-6792.

LITTLE, Paul. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade**. 2002.

OLIVEIRA, Marcelo José . **Jogo de Cintura: Uma etnografia sobre Travestis em Florianópolis**. UFSC, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Depto de Ciências Sociais. Florianópolis, 1994.

ORNAT, Márcio José. **Território da Prostituição Travesti e a Institucionalização do Sujeito Travesti na Cidade de Ponta Grossa – Paraná**. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná. 2008. 159 p.

_____. Território e Prostituição travesti: uma proposta de discussão. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v.2, n.1, p. 41-56, jan. / jun. 2008.

PELÚCIO, Larissa Maués. Travestis, a (re)construção do feminino:gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, [Pernambuco], v.15, n.1, p.123-154, 2004.

_____ "Toda Quebrada na Plástica": Corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. **Campos - Revista de Antropologia Social**, [Paraná], v.6, n.1-2, 2005.

_____ **Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia travesti sobre o modelopreventivo de aids**. Tese de Doutorado. São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2007.

_____ **Experiências plurais em categorias singulares: problematizando a materialização das travestilidades**, Anpocs, 2008

PERES, Wilian Siqueira. **Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em saúde coletiva, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. (Tese de Doutorado) 2005.

PIMENTEL, Ivan Ignácio e Barbosa, Ana Carolina Santos . **A Invisibilidade do Ser e a Visibilidade do Prazer: A Identidade Travesti e a Formação do Espaço Simbólico no Bairro da Glória - RJ**. In: 2º Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia, 2010, Belém. Anais do 2º Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia Norte, 2010.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London:Pion, 1980.

RIBEIRO. Miguel Ângelo Campos (Org.). **Território e Prostituição na Metrópole Carioca**. Rio de Janeiro, Ecomuseu Fluminense, 2002. 160 p.

SACK, R. D. **Human territoriality: its teory and history**. Cambridge University Press, 1986

SAMPAIO, Juarez Oliveira. **Redes sociais engendradas: Notas sobre o caráter associativo entre travestis em São Luís**. In: Encontro Internacional Fazendo Gênero 8, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. 2. ed., São Paulo: Hucitec, 1997

_____. **Território e Dinheiros. In: Território e territórios.** Niterói: Programa de Pós Graduação em Geografia – PPGEO-UFF/AGB, 2002.

SIMMEL, Georg. **On individuality and social forms. Selected writings.** Edited by Donald N. Levine. Chicago/Londres, The University of Chicago Press. 1971

_____. **Philosophie de la modernité.** Paris: Payot, 2004.

SILVA, Hélio R.S. *Travesti: a invenção do feminino*, Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1993

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. *Diez años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008. Actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica*, Universidad de Barcelona, 26-30 de mayo de 2008. <<http://www.ub.es/geocrit/-xcol/438.htm>>

SOUZA, Marcelo Lopes. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia Conceitos e Temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-115.

_____ “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, MARCOS Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e Territorialidades: Teoria, Processos e Conflitos.** São Paulo: Expressão Popular. 2009. p. 57 – 73. 365p.

Abstract

The transvestite prostitutes in the neighborhood of Glory, in the south of the city of Rio de Janeiro, lets address the issue of identity in post-modernity and conflict in contemporary society. The construction of a transvestite prostitution reveals that the recognition of identity becomes the backbone of a process of territorialization.

Studying prostitution in street Augusto Severo, who is simultaneously inserted into the context of prostitution, transvestites in Rio de Janeiro, but it brings unique aspects inherent in this area, raises issues that must be investigated empirically, given that the construction of "being" is directly related to the space that is built, even the

symbols belong to this space and the interaction between the individual and the environment.

Thus, the concept of territory is used in this study as a condition sine qua non for the construction of the identity of the chosen focus group, and aim to encompass the socio-territorial relations that are materialized in cutting through the disputes and feelings involved, since that the world of prostitution daily goal is survival, because the street is characterized by being a place full of uncertainties and pitfalls.